



Morgana Storm é da nova geração de cantoras que brilham nos lugares da moda

PAG. 6

A expectativa em torno da festa de premiação do Oscar de 2026

PAGs 4 e 5



O Oscar é o troféu mais desejado pelos que desempenham com talento seus papéis nas produções cinematográficas. E Michael B. Jordan pode ser o azarão como Melhor Ator por sua atuação em Pecadores, também cotado para Melhor Filme de Drama

Reprodução



NICOLE

Neewler estuda na UNDB, onde cursa o quinto período do Curso de Medicina. Nas férias de começo de ano foi conhecer a Veneza de Lord Byron, dos canais, dos mistérios e encantos que fazem da cidade italiana uma das mais belas do mundo

PAG 3

O prazer é uma sensação de plenitude e de euforia, espécie de apoteose cerebral que nos conduz ao Nirvana, ou seja, ao próprio Céu. Sendo vital, o prazer está quase sempre ligado ao deleite sexual, aquela sensação contida na hora suprema e tão sofregamente perseguida do orgasmo.

Os cientistas da Universidade de Oxford descobriram que o consumo de alimentos doces e gordurosos, digamos um quindim e um pastel de camarão, estimulam a região do cérebro conhecida como córtex cingulado. Ali se localiza uma usina do prazer, endereço cultivado pela ingestão de gorduras e carboidratos tão atraentes quanto a inalação de um perfume ou a recepção de uma carícia.

Nenhuma outra substância é tão cortejada pelo cérebro quanto uma fritura – que é o orgasmo da gordura, ou a dita completamente saturada. É por isso que a humanidade caminha inelutavelmente para a obesidade.

Por causa do cheirinho sedutor da gordura, o prazer de ingerir um sabor irresistível é refém do verbo “saborear”, ou seja, comer com volúpia um alimento, gorduroso que seja.

Está para nascer alguém que não goste

PERFUME:

o cheiro de um perfume é festa para o cérebro

de batata frita. O cheirinho de batatinha frita – ou de pipoca amanteigada – derruba vontades, impérios e regimes. Sabe-se agora por que. “Chantagem” do córtex cerebral. A usina do prazer ali instalada “adora” receber um carinho físico, um elogio, um cheiro agradável, ou um estimulante químico, como a cocaína ou a heroína. Mas o seu herói predileto é mesmo o hambúrguer com batatinha frita.

“O cérebro” – asseguram os cientistas –, “desenvolveu mecanismos para aumentar o consumo de comidas calóricas”. Por uma razão: na pré-história do homem, caloria era sinônimo de sobrevivência. Ainda é. Com a diferença de que o homem já não precisa

correr atrás da caça, nem caminhar para vencer distâncias. O homem está entregue ao hedonismo da mesa, ao comer “por prazer” e não “por necessidade”.

O estímulo à sedução do alimento calórico está, diz o cérebro, no apelo visual e olfativo. Batatinhas fritas, bem crocantes e “lindonas”, despertam apetites até mesmo nessas sacerdotisas da boa forma, nessas novas deusas do perfil anoréxico, que são as “modelos”.

Está tudo no cheiro, conectado ao sabor. O cheiro de um perfume, natural que seja, é uma festa para o cérebro. Há um vero prazer em caminhar-se num jardim de azaleias, ou no meio de jasmineiros, essas flores tão

aromáticas – róseas, amarelas ou brancas –, nativas das regiões tropicais.

O perfume nos seduz – e o perfume de mulher, como no filme, nos seduz ainda mais.

Não se trata mais de uma suposição. Agora é a Ciência: há uma química poderosa na batata frita, no pastelzinho de camarão, na almôndega de boteco pé-sujo, no ovo estrelado, na ova de pescada frita, num bife amanteigado – assim como há sedução num par de seios cheirosos e num cangote tratado a alfavemas.

Rendo-me a uns e outros, com a nova razão desse habeas corpus chegado diretamente da academia de Oxford: a gula por alimentos ricos em gordura – e por isso saborosos – não está na sem-vergonhice dos gordos, mas na usina cerebral que palpita pelas batatinhas fritas.

Justificadas por essa nova lei da química cerebral – que as eleva ao Paraíso do sabor – as batatinhas fritas tornaram-se ainda mais perigosas, se podem ser devoradas sem culpa.

Aqui para nós: o cérebro é que é um safado. Não está nem aí para a boa forma.

Só quer divertir os queixos.

LIVROS



Em “Assim na Terra como Embaixo da Terra”, Ana Paula Maia acompanha os últimos dias de uma colônia penal isolada

QUEM É A AUTORA BRASILEIRA QUE CONCORRE AO BOOKER PRIZE: CONHEÇA SEUS LIVROS

Entre os indicados a um dos maiores prêmios de literatura está a brasileira Ana Paula Maia, com “Assim na Terra como Embaixo da Terra”.

O International Booker Prize anunciou na última terça-feira de fevereiro (24) a lista longa da edição de 2026, com 13 livros selecionados entre 128 títulos traduzidos para o inglês e publicados no Reino Unido e/ou na Irlanda.

Entre os indicados está a brasileira Ana Paula Maia, com “Assim na Terra como Embaixo da Terra” (On Earth As It Is Beneath), romance lançado no Brasil em 2017 pela Editora Record, traduzido por Padma Viswanathan e publicado no exterior pela Charco Press.

Segundo o júri, o livro é uma “exploração austera e perturbadora do poder e da corrupção”.

Em “Assim na Terra como Embaixo da Terra”, Ana Paula Maia acompanha os últimos dias de uma colônia penal isolada, construída sobre um terreno marcado por violência histórica e concebida para ser inescapável.

Ao longo do tempo, o discurso de ressocialização é substituído por uma lógica de brutalidade que transforma o presídio em um espaço de extermínio.

A maior autoridade do local é o agente Melquiades, que exerce o poder de forma arbitrária e promove caçadas humanas contra os detentos.

Em meio a uma aparente calma, vêm à tona os abusos e as distorções que estruturam aquele sistema.

O romance discute os limites entre punição e barbárie e dialoga com o debate sobre o sistema penitenciário brasileiro.

À época de seu lançamento, venceu o Prêmio São Paulo de Literatura de 2018.

Publicado pela editora Record, “Assim na Terra como Embaixo da Terra”, romance de Ana Paula Maia, fala justamente sobre o universo precário de uma penitenciária no meio do nada. O ambiente árido e isolado nos remete às histórias pós-apocalípticas, estilo Mad Max 2, mas na verdade aquele local está perdido não apenas no mapa, mas também no tempo. Trata-se de um presente angustiado por causa de suas pendências com o passado e pela total falta de perspectiva de uma amanhã. O futuro é o fim, carne que a terra come.

A história curta, quase uma novela, se passa numa colônia penal (olá, Kafka!) que será desativada. Restaram apenas alguns presos e Melquiades, o representante da lei e do Estado, responsável por manter a ordem de maneira não muito ortodoxa: vez ou outra ela pega sua arma e, tal como na caça de javalis, libera a tornozeleira (uma bomba que é acionada assim que o usuário coloca os pés do lado de fora da colônia) e deixa que o detento corra livre, para logo em seguida sair à caça, o que explica o número reduzido de pessoas naquelas instalações.

No livro, Ana Paula Maia não pretende fazer uma comparação leviana, mas apontar para o fato de que, desde nossas raízes, é o sangue negro que sempre esteve atrás das grades.

Não há nenhum inocente ali, nem mesmo quem supostamente deveria estar do lado lei, então a lógica reacionária do bandido bom é bandido morto, se aplicada, significaria fazer com que a autoridade local tivesse que virar o cano de sua arma para a própria cabeça. O isolamento e a falta de respostas (os personagens estão sempre aguardando notícias oficiais sobre a desativação do local, mas elas nunca chegam), bem como o calor e o tempo árido, tornam o ambiente insuportável, favorecendo toda sorte de conflitos e insanidades. Eles não são tantos para se comportarem como gado indo para o abate, mas são o suficiente para morrerem como animais.

A terra utilizada para enterrar as vítimas de

Melquiades já abrigava corpos de vítimas ainda mais antigas, pois aquela colônia havia sido construída onde antes funcionava uma fazenda de escravos. Ao misturar os corpos de criminosos e de escravos, Ana Paula Maia não pretende fazer uma comparação leviana, mas apontar para o fato de que, desde nossas raízes, é o sangue negro que sempre esteve atrás das grades.

Além da questão do isolamento social, há também uma relação ao domínio do corpo, já que o sujeito submetido ao confinamento perde o direito sobre seu próprio corpo, que passa a ser posse do Estado. A visão da autora a respeito do encarceramento é bastante direta: “O confinamento de homens assemelha-se a um curral de animais. O gado é abatido para se transformar em alimento; os homens, por sua vez, são abatidos para deixarem de existir. Não é um lugar de recuperação ou coisa que o valha, é um curral para se amontoarem os indesejados, muito semelhante aos espaços destinados às montanhas de lixo, que ninguém quer lembrar que existem, ver ou sentir seus odores”.

Em tempos de debates acalorados sobre representatividade na literatura, é interessante notar que não há nenhuma personagem feminina no livro de Ana Paula Maia, pois o que parece interessar à autora não é a reprodução ou problematização de suas próprias experiências, muito pelo contrário, há uma clara inclinação à exploração de um outro universo, bem distante do cotidiano de uma escritora.

“Ana Paula Maia não pretende fazer uma comparação leviana, mas apontar para o fato de que, desde nossas raízes, é o sangue negro que sempre esteve atrás das grades”.

O projeto gráfico do livro merece destaque, pois a capa traz o desenho espetacular de um javali e as letras do título e do nome da autora são em alto-relevo, coisa finíssima.

Para quem já conhece o trabalho de Ana Paula Maia, “Assim na Terra como Embaixo da Terra” pode representar um gostinho de decepção, pois a expectativa diante de um livro da autora é de que nos deparemos com um festival de violência e degradação humana.

Há bastante brutalidade no livro, é claro, mas nada que chegue a chocar (obviamente isso é bem subjetivo e pode variar de leitor para leitor, mas sei lá, é difícil quem já não tenha visto muita desgraça nessa vida), até porque ele se passa no mesmo universo das obras anteriores, mas é como se a autora tivesse pisado no freio, o que é uma pena.

Apesar disso tudo, no cômputo geral ainda assim o saldo é bem positivo. “Assim na Terra como Embaixo da Terra” é um livro rápido e impactante, que aborda temas atuais e segue uma linha muito própria, um tanto diferente da massa de escritores que tendem a se repetir nos mesmos dramas de classe média urbana. Ana Paula Maia segue o seu próprio caminho e ele é bem brutal.

Quem é a autora

Nascida em Nova Iguaçu (RJ), em 1977, Ana Paula Maia iniciou a carreira literária no começo dos anos 2000. Sua obra se concentra em personagens submetidos a situações extremas, frequentemente ligados a trabalhos considerados degradantes ou invisíveis, em cenários como matadouros, estradas, presídios e zonas industriais.

Ela também publicou “De Gados e Homens” (2013), “Enterre Seus Mortos” (2018) – vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura no ano seguinte – e “De Cada Quinhentos Uma Alma” (2021). Parte de seus livros compartilha personagens recorrentes, como Edgar Wilson. Desde 2015, a escritora vive em Curitiba.

A obra “Enterre Seus Mortos” ganhou uma adaptação para o cinema, em 2024, com direção de Marco Dutra.

Sobre o prêmio

O International Booker Prize premia anualmente obras de ficção traduzidas para o inglês. O valor de £50 mil é dividido igualmente entre autor e tradutor do livro vencedor. A lista curta, com seis finalistas, será divulgada em 31 de março, e o vencedor será anunciado em 19 de maio, em cerimônia realizada em Londres. Nesta edição, autores e tradutores selecionados representam 14 países e quatro continentes.

Confira todos os títulos anunciados

- As noites são silenciosas em Teerã, de Shida Bazzyar, traduzido do alemão por Ruth Martin, publicado pela Scribe UK.
- Nós Somos Verdes e Trememos (We Are Green and Trembling), de Gabriela Cabezón Cámara, traduzido do espanhol por Robin Myers, publicado pela Harvill.
- O Soldado Recordado (The Remembered Soldier), de Anjet Daanje, traduzido do neerlandês por David ... McKay, publicado pela Scribe UK.
- Os Desertores (The Deserters), de Mathias Énard, traduzido do francês por Charlotte Mandell, publicado pela Fitzcarraldo Editions.
- Pequeno Consolo (Small Comfort), de Ia Genberg, traduzido do sueco por Kira Josefsson, publicado pela Wildfire.
- Aquela que Permanece (She Who Remains), de Rene Karabash, traduzido do búlgaro por Izidora Angel, publicado pela Peirene Press.
- O Diretor (The Director), de Daniel Kehlmann, traduzido do alemão por Ross Benjamin, publicado pela riverrun.
- Assim na Terra como Embaixo da Terra (On Earth As It Is Beneath), de Ana Paula Maia, traduzido do português por Padma Viswanathan, publicado pela Charco Press.
- O Duque (The Duke), de Matteo Melchiorre, traduzido do italiano por Antonella Lettieri, publicado pela Foundry Editions.
- A Bruxa (The Witch), de Marie NDiaye, traduzido do francês por Jordan Stump, publicado pela MacLehose Press.
- Mulheres sem Homens (Women Without Men), de Shahrnush Parsipur, traduzido do do persa por Faridoun Farrokh, publicado pela Penguin International Writers.
- A Criança de Cera (The Wax Child), de Olga Ravn, traduzido do dinamarquês por Martin Aitken, publicado pela Viking.
- Diário de Viagem a Taiwan (Taiwan Travelogue), de Yáng Shuāng-zì, traduzido do mandarim por Lin King, publicado pela And Other Stories.

Ofícios do passado

Encontrei dia desses numa caixa guardada há muitos anos, uma seleção de imagens de profissões extintas, ou quase, pela modernidade e pela tecnologia.

São pinturas belíssimas, que retratam ofícios do passado e todo o cenário de nostalgia onde eles eram exercidos por homens e mulheres que habitaram o pretérito perfeito da minha infância. Reconheci-os imediatamente.

Lá estava o marceneiro alisando carinhosamente um pedaço de madeira com a sua lixa fina, como tantas vezes vi um velho amigo fazer na sua oficina de trabalho, de onde saíam cadeiras e armários de acabamento perfeito.

Quando eu era menino, gostava de correr entre as tábuas empilhadas e de sentir o cheiro da serragem e do esmalte que caracterizavam diferentes etapas daquele artesanato.

Na tela seguinte, deparei com um ferreiro, segurando sobre o joelho a pata de um belo cavalo branco, para aplicarlhe os cravos da ferradura nova. Também esta cena faz parte da minha memória infantil, com cheiro e tudo.

Lembro-me muito bem do ferro incandescente arrancando fumaça do casco do animal, na moldagem do local exato onde a meia-lua de aço seria pregada. Era uma operação um tanto selvagem, que me fazia admirar a coragem e a força do ferrador, ao mesmo tempo em que me despertava compaixão pelo animal.

O sapateiro à moda antiga foi outro que me fez recuar no tempo para observar, em respeitoso silêncio, aquele homem recendendo à cola, que transformava pedaços de couro bruto em solados e saltos. O que me impressionava naquele artifice compenetrado na sua tarefa solitária era a habilidade para pregar tachinhas sem martelar os dedos, até que a ponta da minúscula cunha entortasse no pé de ferro.

Um afiador de facas deu som e luz às minhas lembranças. Esse homem, que ainda desfila pelas periferias das grandes cidades tocando o seu instrumento ancestral, atraía a atenção da criançada como um flautista de Hamelim. Depois, instalava-se diante de um esmeril e fazia sair faíscas dos facões e machadinhas que lhe alcançavam as donas de casa. O afiador era uma espécie de gladiador da minha infância.

Outros personagens igualmente embaciados pelo tempo completam o mosaico de saudade: um tecelão, um tipógrafo, um sineiro, um queijeiro, uma costureira, uma rendeira, todos com seus instrumentos antigos.

É curioso pensar que o mundo que conhecemos hoje, incluindo este computador capaz de ligar passado e futuro, foi lapidado pelas mãos desses trabalhadores.

Sou do tempo

Sou do tempo em que os colégios públicos eram modelos de ensino.

Sou do tempo em que brincar era só no recreio e não em sala de aula no tal aprendizado "lúdico". O ensino era sério.

Sou do tempo em que existia avaliação semanal com posição na classe conforme o número de pontos e notas de comportamento e aplicação.

Sou do tempo em que o professor dizia “de pé quem está conversando” e os conversadores ficavam de pé até o professor mandar sentar de novo.

Sou do tempo do exame oral e de provas decisivas em onze matérias. Reprovava em uma, repetia de ano. Duas reprovações era expulso do colégio

Sou do tempo em que meu pai colocava a cadeira na calçada, sentava, dormia e as pessoas passavam e o cumprimentavam.

Sou do tempo em que tinha mata mosquito uniformizado e fiscal sanitário com ficha colada na porta da nossa casa onde punha a data da visita.

Sou do tempo em que existia guarda noturno. Eles apitavam.

Tudo isso foi destruído a partir de 1964, um sucateamento consolidado na fase da ditadura.

Sou do tempo da sulfa, do cataplasma e da vacina antiptiogênica.

Sou do tempo em que não dávamos um tempo, porque o tempo era todo nosso.

Passe Livre?

Há boas utopias e aquelas que ficam bem apenas no campo dos sonhos.

Passe livre para estudante é uma delas. Primeiro, por que só para estudantes? Por que não para professores, operários, barbeiros, manicures, enfim, toda a população dita carente?

Passe livre quer dizer 100% de subsídio, pois o empresário não vai ficar sem o seu pagamento.

Quer dizer: quem vai pagar é o mesmo pagador de impostos que sustenta a máquina estatal.

Verdade que em países de melhor índice de desenvolvimento humano (IDH) o Estado subsidia o transporte público em até 70%, como acontece na França, onde o usuário de metrô e ônibus paga apenas 30% do custo.

DESTAQUE DA CAPA



Fotos/Divulgação

Estudante do 5º ano de Medicina na UNDB, Nicole Neewler se deslumbrou com a beleza de Veneza e seguiu os passos de Lord Byron

A VENEZA DE LORD BYRON

Aos 12 anos, o jovem James Joyce apanhou na escola ao defender que George Byron (1788-1824) era o maior poeta inglês. Seus colegas eram do time Alfred Tennyson. A cena, real, foi incorporada ao livro Retrato do Artista Quando Jovem, de Joyce, e ilustra bem as paixões que Lord Byron despertava em seus fãs e detratores: era uma rinha na base do ame-o ou odeie-o. Muito antes de a atriz francesa Sarah Bernhardt (1844-1923) se tornar a “primeira celebridade” ou os Beatles consolidarem a indústria cultural, Lord Byron já era um fenômeno pop. Jovem, bonito, sedutor, ótimo orador e, acima de tudo, excelente poeta, ele reinou quando a poesia

ainda era o gênero preferido entre os leitores – a prosa só ocuparia o posto maior das letras a partir de 1830. Influencer nato, recebia (e respondia a) cartas de fãs, era abordado nas ruas, sua imagem ilustrava jornais e revistas da época. A figura de dândi excêntrico ajudava, e muito, nessa aura. Sua breve vida – morreu aos 36 anos em decorrência de um “tratamento” com sanguessugas para aliviar uma febre – foi intensa. Viajou muito, bebeu demais, entupiu-se de ópio – e transou à beça. Bissexual, Byron partia corações e se relacionou com centenas (mais de 250 apenas em um único ano em Veneza) de homens e

mulheres. Viveu, enfim, o pacote completo da celebridade que morre cedo. Nome pivotal do romantismo europeu, Byron ganhou, há pouco tempo, uma coletânea à altura da sua grandeza e complexidade em Byron – Poemas, Cartas, Diários &c. O livro, organizado e traduzido pelo poeta brasileiro André Vallias, traz uma breve biografia comentada do autor em sua introdução. Os poemas (em versões bilíngues) são apresentados em ordem cronológica e entremeados de trechos de cartas e diários. O resultado é um excelente panorama da obra de um artista fascinante.

A VIDA E O ESTILO EM VENEZA

A Veneza de Lord Byron representa o auge de sua fase de “exílio voluntário” (1816–1819), onde a cidade serviu tanto de refúgio contra escândalos na Inglaterra quanto de cenário para sua transformação literária do romantismo melancólico para a sátira mordaz.

Para Byron, Veneza era o símbolo máximo da decadência e da beleza. Ele viveu intensamente a vida social e amorosa veneziana, frequentando salões literários (como o da Condessa Albrizzi) e mantendo diversos casos, sendo o mais famoso com Marianna Segati e, posteriormente, com Margarita Cogni (a “Fornarina”).

A linda cidade italiana foi um período crucial e transformador na vida e obra do poeta britânico, marcado por um estilo de vida hedonista, profundo engajamento cultural e a produção de algumas de suas maiores obras-primas. Após ser forçado a deixar a Inglaterra devido a escândalos, Byron encontrou em Veneza um refúgio que misturava decadência, liberdade e beleza.

Byron viveu em Veneza por três anos, de forma escandalosa e produtiva, morando no Palazzo Mocenigo no Grande Canal. A cidade não foi apenas um cenário, mas uma musa que moldou o tom de sua poesia, unindo escapismo romântico e realismo cínico.

Byron se tornou uma lenda na cidade, conhecido por nadar no Grande Canal, suas aventuras amorosas e por frequentar o Caffè Florian. Ele é creditado por popularizar o nome “Ponte dos Suspiros” (Bridge of Sighs) em sua obra Childe Harold.

A Veneza de Byron era um lugar de contrastes: uma cidade de esplendor passado, mas em declínio, o que

ecoava o seu próprio estado emocional e o espírito romântico que ele representava.

Na Itália, ele se distanciou da imagem de “poeta maldito” sombrio para se tornar uma figura pública excêntrica, o primeiro “popstar” da história, atravessando o Grande Canal a nado e estudando armênio no Mosteiro de San Lazzaro degli

Armeni.

Jovem estudiosa, Nicole Neewler – filha de Ionara e do cirurgião plástico Júpiter Neewler – estuda na UNDB, onde cursa o quinto período do Curso de Medicina. E nas férias de começo de ano foi conhecer a Veneza de Lord Byron, dos canais, dos mistérios e encantos que fazem da cidade italiana uma das mais belas do mundo.



Todo o charme e beleza de Nicole Neewler em Veneza

Sortilégios da cozinha

Revi esses dias, com o mesmo prazer de 25 anos atrás, Como Água para Chocolate, uma reflexão filosófica, digamos assim, sobre a gastronomia.

A ideia geral é a exaltação dos sentidos, transformada numa história sedutora: o livro de Laura Esquivel superou a marca dos 3 milhões de exemplares, e o filme, cujo roteiro ela escreveu sem trair nem o cinema e nem a literatura, teve plateias repletas e emocionadas em mais de 20 países. Tantos anos depois, resistiu ao tempo.

A história resiste e continua cativante porque funciona. Primeiro, funciona como celebração da cozinha, elevada a território mágico. Cozinhar não é um dever aborrecido a ser executado por uma dona de casa exausta e sem esperança, ou por empregadas contrafeitas, ou por alguém com pressa descongelando qualquer coisa num micro-ondas. O bom desempenho na cozinha carrega, para Tita, o impulso de uma vocação e a urgência de um destino. “Amor”, segundo ela, era o seu maior segredo culinário.

Sortilégios da cozinha...2

Quando o mundo parecia desabar, Tita emergia de cada um de seus naufrágios agarrada à solidez do velho fogão a lenha, que governava como se fosse o timão que não pode ser abandonado numa tempestade. E se salvava da desesperança com o alento dos sortilégios que sabia retirar daquelas panelas gastas.

Esses sortilégios, na forma de sabores às vezes insuspeitados, não eram resultados matemáticos de receitas bem executadas.

As receitas, numa cozinha, são, por certo, indispensáveis como uma bússola em alto-mar. Mas receitas e bússolas se tornam instrumentos sem serventia se não houver, para decifrá-las, timoneiros como Tita, de rumos inabaláveis.

Sortilégios da cozinha...3

A história de Laura Esquivel também funciona como uma metáfora às vezes empolgante, às vezes dolorosa, sobre a supremacia dos sentidos. O paladar, o olfato e a atração sensual são amáveis fatalidades à espera.

A diferença de Tita é que ela se rende aos apetites e às fatalidades. Como Água para Chocolate é um hino a essas saborosas rendições: seja nas cenas quase lúbricas em que os convidados se deliciam voluptuosamente à mesa, ou no esplêndido momento em que Tita, apesar da vida reconstruída por um afetuoso e paciente companheiro de conveniência, surpreende a plateia e “traí” o noivo, vivendo num instante irresistível a paixão da vida inteira.

É desconcertante perceber que os impulsos sensuais reïnem esmagadores sobre as certezas organizadas de nossa razão, feitas de acordos, resignações e desistências sem consolo.

Copa do Mundo e Carnaval

Até bem pouco tempo atrás era tido como verdadeira a máxima de que no Brasil protesto do povo jamais aconteceria em época de Copa do Mundo ou de Carnaval.

As recentes manifestações populares que vieram à tona em todo o território nacional mostram como esse axioma, esposado até mesmo por cientistas sociais, caiu literalmente por terra.

Em plena temporada pré-Copa do Mundo, e em meio às festividades juninas, evento que, no Maranhão e em muitos outros estados, é tão popular quanto o Carnaval, o brasileiro esqueceu tudo isso e tem ido para a rua dizer que não suporta mais o descalabro político e administrativo vigente no país.

Católicos e evangélicos

Estudos mostram que o pluralismo religioso se consolida no Brasil.

O catolicismo continua sendo maioria no país, mas perdeu a hegemonia.

É visível o crescimento espantoso dos evangélicos até mesmo em cidades onde o catolicismo era predominante.

Em qualquer povoado do Maranhão, até bem pouco tempo só visitado por padres, nos dias de hoje, a presença de evangélicos é marcante e indiscutível.



Sede da embaixada do Brasil em Roma

A eterna Roma

A cidade mais importante da história da Humanidade não é Nova York, nem qualquer outra das jovens Américas, não é tampouco a mais antiga de todas, Jericó, nem a Londres de dois mil anos, ou a luminosa Paris, ou as orientais Tóquio e Pequim, e nem mesmo a cidade basilar das três grandes religiões monoteístas do mundo, Jerusalém.

Nada disso. A cidade mais importante da história da Humanidade é Roma. Durante 2 mil anos, Roma foi a capital do mundo. Primeiro, comandou o Ocidente graças à força disciplinada de suas legiões. Depois, graças à influência da religião. Finalmente, no Renascimento, graças à genialidade de seus artistas. O corpo, o espírito e a mente.

Muito do que somos devemos a Roma.

Os italianos da Navona

Você já deve ter ido à Piazza Navona, em Roma. É um dos pontos turísticos mais visitados do mundo, um lugar “manjado”, digamos assim, até porque lá está engastado o belíssimo e quase suntuoso palácio da embaixada brasileira. Certo.

Então, não vou falar das belezas e da história da Piazza Navona, que você conhece bem. Vou sugerir que você faça o que fiz na primeira vez em que estive na Itália.

Eu estava sozinho e, num sábado de manhã, sentei-me à mesa de um café na Piazza Navona, pedi um cappuccino cremoso e fiquei fazendo o que a minha avó definiria como “olhar o movimento”. Fiquei observando aqueles italianos e italianas circulando por ali. As italianas são lindas, isso todo mundo sabe graças a Sophia Loren, Claudia Cardinale, Monica Bellucci e Ornella Muti.

E os italianos... Bem, os italianos são americanos frustrados. Veja-os se exibindo na Piazza Navona. Vestem jeans, mascam chicletes, comportam-se como americanos de filme. Tudo o que queriam era falar inglês em Hollywood.



Praça Nanova, em Roma

Telefômetro

De vez em quando os deputados acertam e apresentam projetos de lei interessantes.

Está tramitando na Câmara uma proposta que, se aprovada, permitirá aos usuários de telefones fixos saber quanto estão gastando.

Algo parecido com o hidrômetro, que mede o consumo de água.

A coluna pede licença e apelida o novo equipamento de telefômetro.

Golpes na economia

As manifestações populares nas ruas das principais capitais do País têm provocado mudança de comportamento da população e golpes na economia das cidades.

Com receio de ser surpreendida com os protestos de rua, parte da população que costuma frequentar bares, restaurantes e demais estabelecimentos, prefere ficar em casa.

O peso dessas manifestações vem repercutindo sobre o comércio das cidades, que acusam uma queda no faturamento em torno de 40 a 50 por cento.

Estado de tensão

A população de São Luís, como de resto do Brasil inteiro, vive sob um estado emocional tão forte, que, dia desses, os moradores do Conjunto Renascença, passaram por um grande sufoco.

Uma procissão, sob intenso foguetório, saiu da igreja de São Paulo Apóstolo, anunciando o começo da festividade em homenagem ao santo.

Foi o bastante para que os moradores do bairro se trancassem nos apartamentos.



Eis os artistas mais cotados para receberem Oscar na edição de 2026

OSCAR 2026

Entramos na reta final do Oscar 2026, que vai conhecer os ganhadores da 98ª edição neste domingo (15). Como ainda temos algumas horas pela frente, dá tempo de ver alguns indicados ao prêmio de melhor filme que estão em exibição nos cinemas ou no streaming. A festa do Oscar 2026 acontece em Los Angeles, encerrando a temporada de premiações que começou com o Globo de Ouro, passou pelos sindicatos e agora chega ao momento mais importante com a festa da Academia de Ciências Cinematográficas. E chegou a hora de, por enquanto, apontarmos quem achamos que vai vencer o prêmio.

Mais do que nunca, a temporada abraçou os festivais de cinema ao longo de todo o ano

de 2025, indicando filmes que estrearam desde o Festival de Sundance, com Sonhos de Trem, o Festival de Berlim, como Blue Moon, passando por Cannes, com alguns dos principais nomes, entre eles O Agente Secreto, Valor Sentimental e Foi Apenas um Acidente, além dos festivais do segundo semestre, como Veneza e Toronto, com filmes como Frankenstein e Hamnet - A Vida Antes de Hamlet.

Mas os dois maiores nomes da temporada não passaram por nenhum dos eventos tidos como os mais importantes do cinema, mas contaram com a paixão de seus realizadores e o engajamento do público no circuito de exibição. São eles: Pecadores e Uma Batalha Após a Outra. E não podemos deixar de fora a grande

surpresa da categoria principal, F1: O Filme, um sucesso de bilheterias da Apple.

Tudo isso criou uma das temporadas mais interessantes para acompanhar e apostar nos vencedores – alguns mais certos e outros ainda em aberto.

Nesta edição do PH Revista, vamos falar só dos filmes que consideramos realmente imperdíveis. Se você não viu ainda, tem de começar por Oppenheimer, de Christopher Nolan. A cinebiografia do pai da bomba atômica já está com a mão no Oscar, porque vem ganhando todos os prêmios: Globo de Ouro, Critics Choice, Bafta, o troféu do Sindicato dos Atores, o troféu da Associação dos Produtores... O filme pode ser alugado em Amazon Prime Video, Apple TV, Google Play e YouTube.

Uma Batalha Após a Outra

Todo crítico que estiver fazendo seu trabalho com atenção vai dizer a mesma coisa sobre Uma Batalha Após a Outra. O épico furioso, hilário e ambicioso de Paul Thomas Anderson é o primeiro filme contemporâneo do cineasta, responsável por Sangue Negro e O Mestre, entre outros, desde Embrigados de Amor lá atrás em 2002. Ali, havia um longa-metragem movido por uma compreensão ímpar do ator escalado por PTA para sua versão de uma comédia romântica atemporal. Aqui, há algo anunciado com urgência. Um documento vivo e pulsante, com foco inconfundível no aqui e agora. O tipo de coisa capaz de definir um século.

Do primeiro plano – quando Perfidia (Teyana Taylor) examina um campo de aprisionamento de imigrantes em Los Angeles enquanto o sol se põe – em diante, Uma Batalha Após a Outra parece ter sido gerado instantaneamente, mas não porque soa como um produto genérico feito sem alma por uma inteligência artificial, e sim porque transporta para a tela a energia nervosa com a qual vivemos diariamente; um mix de cansaço e ansiedade que surge de existir, exatamente como sugere o título, num estado constante de lutas. A escolha de saltar em direção ao presente confere ao filme um quê de curiosidade quando falamos do diretor. Por que este recorte? Por que este filme? Seria essa uma resposta do diretor às dúvidas sobre sua capacidade de lidar com a era da internet, ou PTA teria sentido a necessidade de encarar o momento atual por alguma outra razão?

Final de contas, Uma Batalha Após a Outra é inspirado em Vineland, obra densa e surtada de Thomas Pynchon que desenha os EUA na época de Reagan como um ambiente movido pela televisão, drogas e resquícios do movimento hippie. Menos uma adaptação e mais uma nova interpretação de quais são os campos de batalha do país hoje em dia (imigração, polícia e, bom, drogas), o filme toma a decisão mais do que consciente de transportar os elementos daquela narrativa para o cenário pra lá de conturbado da política no Século 21.

Enquanto palavras como “republicano” e “democrata” jamais são proferidas, a força que sublinha cada instância de Uma Batalha vem de uma frustração visível com os dilemas modernos, e uma preocupação ainda maior com o que vem depois.

Este cotidiano em apuros, porém, é algo que Perfidia, no mais íntimo dos íntimos, gosta. Ela sente um tesão (por vezes literal) de estar nas trincheiras, explodindo bancos e desafiando o sistema, tanto que é difícil dizer se ela descobriu isso depois que alistou na causa do grupo revolucionário French 75, ou se ela só assumiu esses ideais porque eles dariam espaço para essa proximidade ao perigo. Não há dúvidas de que ela acredita naquilo que defende, mas esse desejo pelo risco – algo que frequentemente lhe transforma numa poderosa arma para a revolução – é também o que a torna tão perigosa para aqueles à sua volta, em especial seu amado “Ghetto” Pat “Rocket Man”, um especialista em detonação vivido de maneira comicamente vulnerável por Leonardo DiCaprio.

A vida de Pat e Perfidia é, apropriadamente, uma bomba em contagem regressiva, e o cronômetro parece zerar

quando os dois têm uma filha e a mulher coloca seus instintos mais perigosos à frente do cuidado com a garota. Não vamos entrar em detalhes da trama, mas é justo dizer que, 16 anos depois do nascimento daquela criança, Perfidia não está mais por perto, e Pat precisa cuidar da agora adolescente Willa (Chase Ininiti) sozinho, uma tarefa que só piora depois que o Coronel Steven J. Lockjaw (Sean Penn) coloca a família na mira.

Gera-se, então, um filme de perseguição com cheiro de faroeste, jeito de suspense político e gosto de ação, com cenas que incluem pelo menos uma referência explícita a Tom Cruise, além de um clímax que transforma – quase literalmente – o deserto californiano numa montanha russa de tensão crescente. Para algo borbulhando com ideias densas durante suas quase três horas de duração, Uma Batalha Após a Outra é milagrosamente fácil de digerir, em grande parte devido à veia cômica encarnada por DiCaprio, firme e forte na sua missão de viver patetas sujos que representam a antítese do seu status de galã. Quando reencontramos Pat, a maconha e o álcool fritaram seu cérebro ao ponto de ele esquecer senhas que podem o identificar como um membro da resistência, um problema grave dado sua necessidade de ajuda para sobreviver ao ataque de Lockjaw à cidade de Baktan Cross, onde ele se esconde com Willa.

Esse ar jocoso é essencial para equilibrar os lados do filme. Não há dúvidas de quem são os vilões da história, e para cada caricatura trazida à vida por DiCaprio, Sean Penn tem uma ainda mais exagerada na manga. Até a forma como ele anda é uma (ótima) piada. Mas a abordagem de Anderson com os revolucionários é justamente o que impede Uma Batalha Após a Outra de ganhar tons pedantes. Não é que o diretor esteja caçoando de quem ousa resistir – o “sensei” vivido por Benicio del Toro num zen aparentemente impossível é tranquilamente o personagem mais competente de toda a obra – mas não sacrificar o sucesso do filme como arte para atingir uma declaração confortável faz com que quaisquer discursos aqui presentes sejam entregues de maneira genuína e, para algo repleto de sarcasmo, com poderosa honestidade.

Desses Temas com T maiúsculo, nenhum é maior do que um diagnóstico infelizmente correto do mundo pós-Revolução Industrial que Anderson vem trabalhando em toda a sua filmografia. Uma Batalha Após a Outra é a representação audiovisual frenética da conclusão estampada em seu próprio título, uma externalização da consciência de que os desafios da vida – singular ou coletiva – não cessam, e nada representa isso melhor do que Willa. Da ira quieta que permeia os olhos de Ininiti à naturalidade quase genética com a qual a filha de Perfidia aborda armas de fogo, ela parece ter sido forjada por geração após geração de conflito.

Não é à toa, então que Uma Batalha Após a Outra encena seus ciclos de caos com um motivador até que simples de um pai e filha tentando se reunir. Boa parte do longa se preocupa com Pat e Willa lutando para não serem separados. Esse contraste, entre o escopo grandioso e a ameaça pessoal, confere ao filme um coração humano no qual podemos nos apegar em meio à bagunça, e valoriza a luta pelo futuro.

QUEM SERÃO OS VENCEDORES DO OSCAR 2026?

Confira as previsões do PH REVISTA, que aposta em três títulos para as principais categorias:

Melhor Filme • Uma Batalha Após a Outra • Hamnet • O Agente Secreto • Pecadores	Melhor Ator Coadjuvante • Sean Penn - Uma Batalha Após a Outra • Stellan Skarsgård - Valor Sentimental • Benicio Del Toro - Uma Batalha Após a Outra
Melhor Filme Internacional • O Agente Secreto • Valor Sentimental • Foi Apenas Um Acidente	Melhor Atriz Coadjuvante • Amy Madigan - A Hora do Mal • Teyana Taylor - Uma Batalha Após a Outra • Wunmi Mosaku - Pecadores
Melhor Ator • Michael B. Jordan - Pecadores • Leonardo DiCaprio - Uma Batalha Após a Outra • Timothée Chalamet - Marty Supreme • Wagner Moura - O Agente Secreto	Melhor Roteiro Adaptado • Uma Batalha Após a Outra • Hamnet • Bugonia
Melhor Atriz • Jessie Buckley - Hamnet • Rose Byrne - Se Eu Tivesse Pernas, Eu Te Chutaria • Renate Reinsve - Valor Sentimental	Melhor Direção de Elenco • Uma Batalha Após a Outra • O Agente Secreto • Hamnet
Melhor Direção • Paul Thomas Anderson - Uma Batalha Após a Outra • Ryan Coogler - Pecadores • Chloé Zhao - Hamnet	Melhor Trilha Sonora • Pecadores • Uma Batalha Após a Outra • Hamnet
	Melhor Canção Original • “Golden” - Guerreiras do K-Pop • “I Lied to You” - Pecadores • “Dear Me” - Diane Warren: Relentless





Leonardo DiCaprio (Uma Batalha Atrás da Outra)

Fotos/Divulgação



Jessie Buckley tem tudo para receber o Oscar de Melhor Atriz de Drama pela sua espetacular atuação em Hamnet

HAMNET: “SER OU NÃO SER. EIS A QUESTÃO”

É um espetáculo doloroso sobre luto, legado e eternidade – assim é Hamnet, um drama sobre a família de William Shakespeare.

A adaptação do best-seller de Maggie O’Farrell, produzida por Steven Spielberg e Sam Mendes, reconta a gênese de Hamlet, a obra mais icônica de William Shakespeare, a partir do ponto de vista de sua esposa, Agnes (batizada Anne Hathaway, sim, como a atriz de O Diabo Veste Prada). A trama acompanha o relacionamento do casal, a morte do filho Hamnet, aos 11 anos, e a posterior criação da peça. Jessie Buckley interpreta Agnes, enquanto Paul Mescal dá vida ao dramaturgo.

É difícil fugir dos superlativos ao descrever Hamnet. A diretora constrói uma obra dolorosa e envolvente, mostrando o vínculo entre William e Agnes e, ao mesmo tempo, os caminhos distintos que cada um encontra para escapar das pressões familiares: ele, por meio da escrita e do desejo de se lançar à cidade grande; ela, pela profunda ligação com a natureza. Zhao usa essa conexão de Agnes com a terra, as plantas e os animais para explorar sua visão naturalista, transformando o ambiente em extensão da personagem.

Jessie Buckley está simplesmente extraordinária. Acostumada a papéis intensos, percorre aqui uma jornada completa: da leveza ao caminhar pelas árvores à maternidade sábia e carinhosa, até o luto devastador pela perda do filho para a peste bubônica. Sua força em cenas como o parto, a tentativa de salvar a criança e a primeira montagem de Hamlet é arrebatadora. Nenhuma atuação do ano, até agora, chega perto do que Buckley entrega. Mescal, igualmente impecável, reafirma por que é um dos atores mais requisitados do momento. Zhao

filma seu rosto como se fosse uma pintura clássica, evocando a mítica de Shakespeare, que, curiosamente, só é nomeado de fato no final da trama.

Outro destaque é Jacobi Jupe, que interpreta Hamnet com sensibilidade tocante ao lado de Buckley e Mescal. A cena da despedida entre pai e filho, quando William parte para Londres, sintetiza o rigor da direção de Zhao. Esse cuidado se reflete também na escolha de Noah Jupe, irmão de Jacobi, para viver Hamlet no teatro – gesto que reforça a imersão emocional da narrativa. Agnes, assim como o espectador, é levada a sentir a mesma perplexidade diante do palco.

Se Hamlet nasceu de lendas anglo-saxônicas, Hamnet mostra como a dor de uma família moldou reflexões sobre a fragilidade da existência. “Lembra-te de mim”, diz o fantasma do rei a seu filho na peça. Essa memória é o fio condutor: a herança transmitida por Agnes, o legado do teatro, a troca de papéis entre os gêmeos Hamnet e Judith – brincadeira que reflete o próprio pacto do público com a ficção – e o sacrifício que ecoa no tempo. O sacrifício do irmão que troca sua herança pelo bem do outro.

Hamnet se torna um conto que transforma em realidade os ecos da peça de Shakespeare, sem nunca precisar de metáforas baratas sobre o talento do autor ou momentos de sua vida replicados na peça. No espetáculo visual de Chloé Zhao e no talento de Buckley e Mescal, são as palavras, os sentimentos, a universalidade da dor e o nosso medo da finitude que fazem da história de Agnes e da família uma experiência tão dura. A eterna busca pelo sentido da vida, como o mítico “Ser ou não ser”.



Jacobi Jupe encantou o público por seu desempenho como Hamnet



Wagner Moura cotado para o Oscar de Melhor Ator e a estreante Tânia Maria, cujo desempenho é surpreendente

O AGENTE SECRETO

Em muitos sentidos, espionagem é arte do apagamento. Uma pessoa apaga seu nome, esconde sua história e ofusca suas intenções e parte para o território desconhecido buscando não deixar rastros. Não é à toa que o diretor Kleber Mendonça Filho tenha escolhido este gênero, ou ao menos seus ossos, para pautar seu misterioso, grandioso e triste O Agente Secreto, um exame de como uma borracha é passada por cima de pessoas e lugares no Brasil que existe em inevitável conversa com Ainda Estou Aqui e Retratos Fantasma, filme anterior do diretor pernambucano.

É para a cidade de Mendonça Filho que Marcelo (Wagner Moura) está indo na cena de abertura que descreve o Brasil de 1977 como um local de pirraça. É justo dizer que é isso que o espera na capital pernambucana. Por que Marcelo está fugindo e de quem são detalhes melhor guardados, mas também é justo dizer que o regime militar não facilita sua vida, e essa ambientação – trazida à vida com um trabalho de recriação visualmente maravilhoso – dá a O Agente Secreto campo fértil para Kleber fazer o que faz de melhor: usar pilares do cinema de gênero para discutir temas relevantes para o Brasil e para o mundo. Assim como faroestes corriam por baixo da pele de Bacurau, filmes de espões informam as cenas de telefonemas escondidos, identidades falsas e perseguições intensas.

Não se trata, porém, de um exercício de linguagem simples. O Agente Secreto tem uma clara ideia do que movimenta sua história. Neste Brasil, gerido por chefes de indústrias e policiais corruptos, forças que se beneficiam de seus contatos para fazer com que documentos desapareçam, ou sequer venham a existir. É como se as circunstâncias transformassem tudo e todos em agentes duplos, mas ninguém sabe sua missão e as informações verdadeiras estão sendo sistematicamente trancadas em cofres inacessíveis. O passado da família de Marcelo está incluso nisso, e quando ele começa uma nova vida, está tão interessado em descobrir quanto em não ser descoberto.

Para concluir essa tarefa, Marcelo passeia por ruas e prédios que serão instantaneamente reconhecíveis para recifenses, seja por que permanecem de pé contra todas as expectativas – como a Praça do Sebo e o cinema São Luiz, também o foco de Kleber em Retratos Fantasma – ou por que serão portais para o que um dia havia lá, mas hoje não existe mais. Essa discussão, porém, é crucial para todo o Brasil, como mostrou Ainda Estou Aqui, e o desaparecimento sem registros tem sido um dos focos do cinema global (só no último Oscar: Sem Chão, O Reformatório Nickel, Sugarcane, entre outros).

A melhor maneira com a qual O Agente Secreto aborda essa ideia vem numa revelação do roteiro que, se eu fosse apostar, ficaria de fora de toda a divulgação e marketing. O texto é

organizado de uma maneira que ajuda a contextualizar toda a narrativa se não em fatos históricos, mas na sensação da história. É como se o longa fosse transformado num relatório, e alguém estivesse tentando entender o que aconteceu. Mais do que truques, o roteiro escrito por Kleber Mendonça Filho parece adicionar camadas ao enredo, que brinca com mitos e verdade para sublinhar a ideia de que, ainda que esse filme seja uma ficção, ele fala de questões profundamente reais – algo que é sublinhado por um inesquecível e hilário uso da ideia folclórica da Perna Cabeluda. Os detalhes da cena são uma surpresa melhor guardada, e só são superados em graça pela carismática dona Sebastiana (Tânia Maria, hilária e transformada em fenômeno do filme), a dona do prédio onde Marcelo mora que precisa reter informações, mas adora uma fofoca.

Não é à toa que um dos cenários mais importantes para o filme é o São Luiz. Sempre interessado nos cinemas como locais de registro, onde a arte reflete e preserva a vida cotidiana, além de oferecer um ambiente comunal cada vez mais raro nas cidades, Kleber Mendonça Filho traz este templo do Recife para o centro da narrativa. Ali, Marcelo encontra um local para respirar, como se estivesse protegido pelo poder dos filmes de manter coisas vivas.

Como este personagem, Wagner Moura entrega uma atuação de nuances e tristezas, mas também de um homem em ação. Em seu olhar, há um pesar palpável – o principal aliado para que ele não vire um avatar da audiência, passeando pela cidade e pelos mistérios como um guia, mas permaneça uma pessoa com quem nos importamos, e portanto, que não queremos ver ser apagada. À sua volta, figuras como Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Alice Carvalho, Carlos Francisco e outros oferecem temperos de romance, humor e suspense em papéis de adversários e aliados nessa jornada para fugir do esquecimento e da violência.

Independente do sucesso de Marcelo em conquistar essa liberdade, O Agente Secreto conclui com uma dose potente de melancolia. Não é algo derivado de um único acontecimento, mas um reconhecimento geral de que a luta dele é apenas uma, de que pessoas são mortas e construções são demolidas para dar lugar a outras coisas, tipicamente mais rentáveis, e de que o Brasil segue entendendo, ainda, o grau do que foi perdido em sua história.

Para Kleber Mendonça Filho, isso não é algo que se resume à ditadura. É um elemento infelizmente inseparável do verde-amarelo, algo que existia antes dos militares e que até hoje nos afeta. Assim, O Agente Secreto é posicionado como uma espécie de épico, escancarando de forma intrigante através da dinâmica espí de revelar segredos aquilo que foi varrido para baixo do tapete.

O OSCAR NA RETA FINAL

A corrida pelo Oscar 2026 (98ª edição da Academia) esquentou intensamente na reta final, com previsões apontando uma disputa acirrada entre grandes produções, destacando-se a forte presença brasileira com “O Agente Secreto” e previsões de recordes para outros títulos.

Até a noite de domingo (1º de março), a entrega do Oscar de melhor filme para Uma Batalha Após a Outra (One Battle After Another, 2025) parecia só uma questão de tempo. Afinal, o título dirigido por Paul Thomas Anderson vinha conquistando todos os prêmios que antecedem a distribuição das estatuetas douradas pela Academia de Hollywood, em cerimônia marcada para este domingo, 15 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles.

A coleção de vitórias começou no dia 1º de dezembro, no Gotham Awards, que abre a temporada de premiações da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Depois vieram o troféu da National Board of Review (uma organização de críticos), o Critics Choice, o Globo de Ouro de melhor comédia ou musical e o Bafta (da Academia Britânica).

Um passo muito importante foi dado no sábado (28). Uma Batalha Após a Outra venceu a categoria de melhor filme no PGA Awards, o troféu da Associação dos Produtores dos EUA. Essa premiação costuma se mostrar bem alinhada à escolha da Academia de Hollywood. Desde o seu surgimento, em 1990, houve 26 coincidências entre o PGA Awards e o Oscar em 36

vezes, incluindo as últimas cinco (Nomadland, No Ritmo do Coração, Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo, Oppenheimer e Anora).

Na noite de domingo, dia 1º, porém, ganhou força a candidatura de Pecadores (Sinners, 2025), justamente o campeão de indicações ao Oscar – e o novo recordista na história da premiação, superando as 14 recebidas por A Malhada (1950), Titanic (1997) e La La Land: Cantando Estações (2016). O filme escrito e dirigido por Ryan Coogler soma 16 indicações, contra as 13 de Uma Batalha Após a Outra.

No palco do Shrine Auditorium, em Los Angeles, Pecadores recebeu dois troféus de peso no The Actor, o novo nome da premiação do Sindicato dos Atores dos EUA. Venceu na categoria

principal, a de melhor elenco, e na de melhor ator, com Michael B. Jordan.

Corrida pelo Oscar esquenta na finaleira

Troféus para “Pecadores” no The Actor, entregue pelo Sindicato dos Atores dos EUA, abalam o favoritismo de “Uma Batalha Após a Outra” na principal categoria da premiação da Academia de Hollywood. Filme de Ryan Coogler venceu em melhor elenco e melhor ator (Michael B. Jordan)

Um ponto-chave na corrida do Oscar é a surpreendente vitória de Jordan no The Actor. Pode ser um indicativo de como os atores – que formam um dos maiores colégios eleitorais na premiação da Academia de Hollywood – votarão no troféu de melhor filme.



MELINA SERENO FERNANDES mudou de idade no dia 9 de janeiro, mas diversos compromissos em São Luís e em outras capitais, acompanhando o marido Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, fizeram com que sua amigas da confraria que se reúne toda semana para colocar as conversas em dia, deixaram para a última quarta-feira a homenagem com almoço no Bistrô Grand Cru. Na foto, ladeiam a aniversariante, Cida Valadão, a visitante Fides Ostbye, Thatiana Bandeira, Ana Elvira Buhatem, Rose Medeiros, Kátia Rocha, Ligia Silva, Ana Lúcia Albuquerque e Flávia Araújo Ferraz



Uma voz que sempre encanta nas noites do Grand Cru: Morgana Storm



Layla e Márcio Assub, egressos de uma movimentada circulado pela Europa



Na noite sempre alegre do Bistrô Grand Cru, no sábado dia 7, Daniella e Alfredinho Duailibe com Mirela e Guto Nogueira Santos



Marcelo Ewerton e Amanda Bandeira



Luizito Oliveira e Lilian Patrícia



Eles integram a mais antiga confraria da casa: César Bandeira, Nilson Ferraz, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, Eli Medeiros, o Repórter PH e Ricardo Miranda



Antonio Oliveira Filho e Fernanda

Oscar 2026

Tome nota: Amo todos os filmes que estão na lista de indicados ao Oscar de 2026. Vivo experiências incríveis com esses filmes: Hamnet impecável, O Agente Secreto uma obra prima, Frankstein belíssimo, Pecadores incrível, porém, porém ... Uma Batalha Após a Outra me pegou pelo belo caos. Neste domingo vamos conferir.

Eles disseram:

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma

ponte, da procura um encontro.” Extraído do livro “O encontro marcado” (1956), de Fernando Sabino. “Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consentado. Mas cada um só vê e entende as coisas de um seu modo. Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz.” Extraído do livro “Grande sertão: veredas” (1956), de Guimarães Rosa.

Ronaldinho no streaming

A Netflix anunciou na última quinta-feira (12) o lançamento de três documentários sobre o futebol brasileiro. Abrindo a rodada, a minissérie em três

episódios Ronaldinho Gaúcho estreia em 16 de abril e mergulha na trajetória de um dos maiores jogadores de todos os tempos, com “acesso exclusivo, materiais inéditos, grandes vitórias e momentos delicados”, segundo o texto divulgado pela plataforma de streaming. Ronaldinho Gaúcho é uma coprodução da Canal Azul e da Trailer Films, com direção e roteiro de Luís Ara. A série sobre o ex-jogador da Seleção Brasileira, do Grêmio, do Barcelona, do Flamengo, do PSG, do Milan e do Atlético-MG, entre outros clubes, conta com depoimentos de figuras icônicas do esporte, como Lionel Messi, Neymar Jr, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Felipe, Carles Puyol e Galvão Bueno. Na sequência, Tetra: Acreditar

de Novo chega em 7 de maio e revisita a conquista da Copa do Mundo de 1994. Fechando o jogo, Várzea: Onde Nasce o Futebol estreia em 8 de junho e destaca o universo onde foram gestados talentos como Cafu e Raphinha, que revisitam suas origens. **Galvão Leonardo celebra 18 anos** Com trajetória marcada pela excelência jurídica, crescimento estratégico e reconhecimento nacional, o escritório Galvão Leonardo Advocacia celebrou 18 anos de atuação, na última quinta-feira (12), consolidando sua presença nas regiões Norte e Nordeste. Ao longo dessa trajetória, a banca tem se destacado pela atuação em áreas estratégicas do



Os sócios Marcel Vasconcelos, Lucileide Galvão e Lucimary Galvão celebram 18 anos do Galvão Leonardo

Direito, pelo atendimento a empresas e instituições de diversos setores e por um

processo consistente de expansão territorial. Fundado pelas irmãs advogadas Lucimary e Lucileide Galvão, o escritório expandiu sua atuação para além das fronteiras do Maranhão. Com unidade física e o sócio Marcel Vasconcelos no Estado do Pará, atualmente, está presente em oito estados atuando em todas as regiões do país. Esse modelo de atuação permitiu que o Galvão Leonardo ampliasse gradativamente sua presença no cenário jurídico nacional, com forte atuação especialmente nos estados dessas duas regiões, acompanhando o crescimento econômico e o aumento da demanda por serviços jurídicos especializados

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Flávio e Eli Medeiros (à esquerda) e Karol Beckman Medeiros (à direita) ladeiam os homenageados Marcos Soares, Joel Pereira de Araújo Filho, Luís Fernando Moura da Silva e Aparício Bandeira Filho

HOMENAGENS NA ESCOLA TRINUM

Com uma solenidade simples, mas significativa para os fundadores do empreendimento, a Escola TRINUM homenageou na manhã de quinta-feira, dia 12, algumas das autoridades do nosso Estado que contribuíram para que a TRINUM EDUCAÇÃO CRISTÃ pudesse abrir suas portas, em 2025.

Elas receberam uma placa de gratidão e reconhecimento da escola pelo apoio que deram ao empreendimento.

Foram homenageados, Luís Fernando Moura da Silva, Secretário-Chefe da Secretaria Geral do Governadoria do Maranhão; Aparício Bandeira Filho, Secretário de Estado da Infraestrutura do Maranhão; Júlio Cesar de Souza Matos, Prefeito do Município de São José de Ribamar; Geraldo Castro Sobrinho, Presidente do Conselho de Educação do Maranhão; Conceição de Maria Gomes Leite, Secretária Municipal de Educação de São José de Ribamar; Joel Pereira de Araújo Filho, ex-Secretário de Transporte Coletivo, Trânsito e Defesa Social de São José de Ribamar; Luiz Francisco Assis Léda, Secretário Adjunto de Gestão Rodoviária, e Marcos Soares, Assessor da Secretaria Municipal de Educação de São José de Ribamar.

Além dos homenageados, circularam por lá, Amaro Santana Leite, Benjamin Franklin Alves, Nilson Frazão Ferraz e Fides Ostbye, que mora na Espanha e está circulando entre nós.

Após a solenidade, os homenageados foram recebidos para um café da manhã cujos anfitriões foram Eli e Rose Medeiros, Flávio e Karol Beckman Medeiros (ela, diretora-geral da Escola).



Rose e Eli Medeiros com Aparício Bandeira



Rose e Eli Medeiros com Luís Fernando Moura da Silva



Karol Beckman Medeiros, Carla Marculino e o Capelão Felipe Boechat



Eli e Flávio Medeiros com Luís Fernando Moura da Silva



Amaro Santana Leite, Aparício Bandeira, Eli Medeiros e Luís Fernando Moura da Silva



Fides Moreira Ostbye e Rose Medeiros



Benjamin Franklin Alves, Nilson Frazão Ferraz, o Repórter PH e Aparício Bandeira Filho



O Repórter PH com Rose e Flávio Medeiros

Diane Warren no livro dos recordes

A compositora Diane Warren entrou para o livro dos recordes como a mulher com o maior número de nomeações ao prêmio de melhor canção original. Neste ano, disputa com música escrita para o documentário sobre a própria carreira e, mais uma vez, vive a expectativa de levar a estatueta

Receber uma indicação ao Oscar já seria motivo suficiente para celebrar. Mas passar por isso 16 vezes sem levar a estatueta faz o prestígio dar lugar à frustração. Afinal, é bater na trave muitas vezes – como no caso da compositora Diane Warren.

A estadunidense de 69 anos chega, em 2026, à sua 17ª indicação ao Oscar, na categoria de melhor canção original, com Dear Me, escrita justamente para o documentário Diane Warren: Relentless, que aborda sua trajetória de sucesso. Vale lembrar que, desde 2018, Diane não ficou de fora da lista de indicados em nenhuma edição.

Mesmo sem ter vencido por uma composição específica, Diane recebeu, em 2022, um Oscar honorário por sua carreira. É uma grande reverência ao seu trabalho por parte da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, mas não é o suficiente para a artista. Ela quer vencer o prêmio de maneira competitiva.

No “Guinness Book”

Nesta saga em busca do reconhecimento da Academia, Diane empatou com o recorde do engenheiro de som Greg P. Russell, indicado 16 vezes ao Oscar sem nunca levar a estatueta na carreira – neste ano, caso não vença, ela ultrapassa o colega do audiovisual nesta ingrata competição. A compositora, por sinal, já está no Guinness Book como a mulher com o maior número de indicações ao Oscar de melhor canção original.

Apesar de não ter sorte no Oscar, Diane ganhou um Emmy, em 2016, pela canção original Til It Happens to You, composta em parceria com Lady Gaga para o documentário The Hunting Ground. A mesma música foi indicada ao prêmio da Academia, mas, novamente, ficou no quase.

Dupla Sandy & Junior entre as parcerias

Diane Warren marcou seu nome na história do cinema com canções que ultrapassaram a barreira das telonas e chegaram ao topo das paradas de sucesso, como I Don’t Want to Miss a Thing, eternizada pelo Aerosmith no filme Armageddon (1998), e Because You Loved Me, interpretada por Céline Dion para a trilha sonora de Íntimo & Pessoal (1996) - esta que lhe rendeu seu único Grammy Awards competitivo.

Fora do mundo do cinema, a compositora já colaborou com nomes como Cher - de quem recebeu um forte empurrão rumo ao estrelato com If I Could Turn Back Time -, Justin Bieber, Lady Gaga, Taylor Swift, Whitney Houston e Toni Braxton, esta última com a clássica dos programas de rádio noturnos Un- break my Heart.

Mas ela também teve relação direta com o Brasil. A compositora colaborou com a dupla Sandy & Junior no álbum homônimo de 2001, o 11º dos filhos de Xororó. Diane entregou seis canções para os brasileiros e, destas, duas foram selecionadas e transformadas por Sandy em versões em português para entrar no disco.

As adaptações partiram de Wishing on the Same Star, que virou A Estrela que Mais Brilhar, e de Take Me With You (If You Leave), transformada em Me Leve com Você. Todas as versões foram aprovadas pela compositora estadunidense.

Polêmica na reta final do Oscar

A recente declaração do ator Timothée Chalamet sobre um suposto desinteresse público por apresentações de balé e ópera impôs um novo drama sobre uma das categorias mais disputadas do Oscar 2026.

Considerado entre os favoritos ao prêmio de Melhor Ator, o astro de Marty Supreme poderá sofrer represálias na premiação após uma de suas falas viralizar nas redes sociais.

A frase controversa foi proclamada por Chalamet no último dia 21 de fevereiro, em evento promovido pela Variety e pela CNN na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Na ocasião, ele comparou formas diferentes de expressão artística em um debate sobre a crise das salas de cinema ao lado de Matthew McConaughey.

– Eu não quero trabalhar com balé ou ópera, ou coisas que são tipo: “Ei, mantenha essa coisa viva, mesmo que ninguém mais se importe com isso” – disse o ator.

O comentário motivou revolta entre comunidades de ópera e dança, o que gerou repercussões em fóruns virtuais. Diante disso, uma série de figuras e organizações artísticas internacionais se manifestaram publicamente.

Brasileiro na categoria

Embora o evento tenha acontecido em fevereiro, as declarações de Chalamet só ganharam tração e repercussão na internet há poucos dias.

A fase final de votações para o Oscar se encerrou no último dia 5, momento em que a fala estava começando a viralizar nas redes.

Apesar de não haver certezas de que a polêmica afetará a decisão do corpo votante da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, o favoritismo do ator para vitória do prêmio vem diminuindo.

Franco favorito no início da corrida, Chalamet foi perdendo força ao longo dos meses. Após ser premiado no Globo de Ouro e no Critics Choice Awards, ele foi derrotado em uma série de termômetros significativos, como o Bafta e o Actor Awards, antigo SAG.

O brasileiro Wagner Moura também concorre a Melhor Ator no Oscar, com O Agente Secreto.

Acervo de Ieda Maria Vargas

O acervo pessoal da eterna Miss Universo gaúcha Ieda Maria Vargas, primeira brasileira a conquistar o título, em 1963, agora é parte da coleção do Museu de História Julio de Castilhos, da Secretaria de Estado da Cultura, em Porto Alegre.

A entrega dos itens (vestidos, faixas, medalhas, diplomas, revistas, recortes de jornais, telegramas, acervo fotográfico, etc.) ocorreu em Gramado, pelas mãos dos filhos de Ieda, que faleceu em 2025, aos 80 anos.

Detalhe: os trajes doados são exemplares da alta costura nacional, assinados pelas estilistas como Milka Wolff e Beatriz de Salles e Silva. Foram usados nos desfiles de Miss Brasil e Miss Universo e representam o apogeu do design da época.

Nascida em Porto Alegre, Ieda transcendeu as passarelas, tornando-se símbolo da emancipação e da sofisticação da mulher brasileira na década de 1960.

Em breve, as peças serão apresentadas em exposição e disponibilizadas para pesquisa.

Ieda, que manteve uma estreita amizade com este Repórter PH, merece. E o público também.

Empréstimo consignado

Pesquisa da Associação Brasileira de Bancos (ABBC), realizada em parceria com a Nexus, aponta que 56% dos beneficiários do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) buscam empréstimo por necessidade financeira urgente.

De acordo com os dados, divulgados quarta-feira, o crédito foi utilizado principalmente para quitar dívidas atrasadas (35%), pagar contas do dia a dia (34%) e arcar com despesas médicas (28%).

O levantamento foi feito entre 10 e 22 de fevereiro com 1.200 aposentados e pensionistas que contrataram empréstimo consignado do INSS em todas as regiões do País.

Luto e acolhimento

Com a sanção, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, da Lei que cria a Política Nacional de Humanização do Luto Materno e Parental, o tratamento e acolhimento a famílias que enfrentam a perda de um filho durante ou depois da gestação passará a fazer parte do Sistema Único de Saúde (SUS).

A nova lei prevê a oferta de apoio psicológico especializado, exames para investigar a causa do óbito, acompanhamento de gestações futuras e espaços reservados às pessoas enlutadas.

Atualmente, São Paulo e Piauí têm hospitais que oferecem esse tipo de atendimento.

Longo caminho

Há um poema em cada amigo. Custa descobrir. Precisa tempo, distância, comunhão, exílio.

A magia custa a florir como os versos simples. O inesquecível está na mão mas o braço é um longo caminho entre a ponta de um dedo e o coração.

Artesão de grãos de sonho e de poesia

O poeta tece, cuidadoso, sentimentos, impressões, palavras, em versos, preces silenciosas, confissões do avesso de si mesmo.

Um mosaico de cores e sombras ele arma, constrói, como um artefato, um labirinto, fluxo de vida, explosão de sentidos, metáforas!

Nessa busca incessante de novos significados, tece o poeta sua teia de signos e magia: a poeira deixada pelas estrelas e que orvalha o chão de grãos de sonho e de poesia.

Fotos/Divulgação/



O EMPRESÁRIO FELIPE RIBEIRO, à frente da ESA Empreendimentos e da RendMais Invest, participou, em Santana de Parnaíba (SP), da maior imersão de aceleração empresarial do país, organizada pelo Grupo Acelerador, uma oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em gestão estratégica e desenvolvimento de empresas



Gustavo, Carlos Francisco e Elaine Oliveira receberam na sede da Fribal o empreendedor social Edu Lyra

EDU LYRA VISITA SEDE DO GRUPO FRIBAL

O empreendedor social Edu Lyra, fundador da Gerando Falcões, visitou a sede do Grupo Fribal em São Luís durante o lançamento da 17ª unidade do projeto Favela 3D, realizado em parceria com o Grupo Equatorial.

Na empresa, ele foi recebido pelo presidente Carlos Francisco de Oliveira, sua esposa Elaine Oliveira, e pelo vice-presidente, Gustavo Oliveira.

Durante a visita, Edu Lyra conheceu

a história e as operações do grupo no agronegócio, frigorífico e varejo de carnes, nem como elogiou iniciativas sociais da empresa, como o programa de formação de açougueiros.

Os empresários também se impressionaram com a trajetória de superação de Lyra, que saiu da favela e se tornou uma referência internacional em projetos sociais voltados à transformação de comunidades.

TENDÊNCIAS DE MOBILIÁRIO PERSONALIZADO GANHAM CADA VEZ MAIS ESPAÇO

A demanda por projetos de móveis personalizados, que vão além de módulos padronizados, segue em crescimento, especialmente em grandes centros urbanos e residências com espaços reduzidos, onde cada centímetro precisa ser aproveitado de forma eficiente, afirma Júnior Souza.

O empresário maranhense destaca que o mercado global de mobiliário sob medida deve registrar maior adoção de soluções integradas. “No Brasil, o setor moveleiro mostra sinais de expansão, com consumidores dispostos a investir em peças

que combinem estética, durabilidade e funcionalidade”, comenta Júnior Souza.

Entre as principais tendências para 2026 estão paletas acolhedoras e materiais naturais, como verde oliva, terracota, off-white e acabamentos em madeira, que tornam os ambientes mais convidativos; design orgânico e fluido, com linhas curvas e formas suaves que humanizam os espaços; e soluções integradas que conectam diferentes áreas da casa, como cozinhas integradas a salas ou escritórios domésticos integrados.



Advogados Luís Augusto Guterres e Júlio Moreira Gomes Filho, respectivamente atual presidente e ex-presidente da Academia Maranhense de Letras Jurídicas

AMLJ CELEBRA 40 ANOS E RENOVA PRESIDÊNCIA

A Academia Maranhense de Letras Jurídicas (AMLJ), fundada em 1986 e hoje com 40 membros, celebrou quatro décadas de atuação com maior visibilidade e renovação institucional.

Entre 2020 e 2026, a entidade foi presidida por Júlio Moreira Gomes Filho, reeleito por aclamação em três mandatos consecutivos. Sua gestão foi marcada pela modernização da Academia, presença nas redes sociais, promoção de eventos

culturais, concursos literários, criação do selo “Obra Recomendada”, fortalecimento da revista institucional e ampliação da participação de juristas de destaque, como Reynaldo Soares da Fonseca e Nicolau Dino de Castro e Costa.

Ao final do ciclo, a presidência foi transmitida ao advogado Luís Augusto de Miranda Guterres Filho, que assume com a proposta de dar continuidade ao fortalecimento institucional da AMLJ.



No contexto do Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, destaca-se o reconhecimento às conquistas profissionais femininas e ao impacto das mulheres na sociedade. No Porto São Luís, esse protagonismo é representado pela gerente Livia Cândice, primeira maranhense a ocupar o cargo, ao lado da equipe formada por Débora Rodrigues e Quilana Viégas, que também desenvolvem importantes ações sociais.



Júnior Souza destaca a crescente demanda por móveis sob medida, unindo estética, funcionalidade e aproveitamento inteligente dos espaços